

## Construir a Cidade Intercultural

### Painel: *Lugares Amados - espaços culturais e pertenças linguísticas*

V Encontro da APEDI

Universidade Católica

Lisboa, 13 de Julho de 2007-07-04

#### *A Língua Materna*

Quando olhei para o tema que me foi proposto para este painel, falar da língua materna, como lugar amado, na construção de uma cidade intercultural, lembrei-me de quando era miúda e de como gostava que me propusessem temas para fazer redacções na minha língua materna.

E gostava, por uma razão simples. É que essa língua fazia de tal modo parte de mim, que me deixava todo o tempo do mundo para pensar, para sair dos espaços exíguos e fechados da minha cidade de então.

Será que a língua materna é um lugar amado? Pensei.

Quando nascemos, nascemos fadados para a linguagem. Trazemos connosco uma faculdade inata que nos permite adquirir uma ou mais línguas num curto espaço de tempo, desde que em contacto com elas.

Com menos de três anos já uma criança diz:

*Eu vou pondo os livros*

*Não é esse que eu quero, quer' o CD do bicharoco*

*A Joana é que não sabe nadar*

*Parece uma girafa mas não é*

*Olha uma troutineta...*

*Fui pescar um peixe mas não apanhei nenhum peixe, o peixe fugiu...*

*Quero mais uma vez... por favor!<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Frases produzidas por uma menina de 2 anos e 9 meses.

Quanto tempo levará um adulto, ou um aluno, nas nossas aulas, a produzir, com igual à-vontade e fluência, numa língua estranha, expressões do mesmo tipo, tão complexas sintáctica como pragmaticamente e com um vocabulário tão diversificado?

Lembro aqui algumas frases de um jovem chinês a frequentar o 6.º ano de escolaridade, em Portugal:

*O cão já ver uma gato. Ele para comer gato. Os pássaros do mãe já vem para casa.*<sup>2</sup>

As línguas maternas são as que adquirimos na primeira infância e que vão crescendo connosco até ao limite imposto pelo bioprograma linguístico da nossa espécie. Depois desse período, a partir de uma idade que para alguns estudiosos será os seis anos, para outros pode ir até aos doze, as línguas que adquirimos em contexto natural ou que aprendemos formalmente podem até ser produzidas com fluência, mas não com o automatismo da língua-mãe.

Se nesses primeiros tempos, por alguma razão, retiramos à criança a possibilidade de ouvir uma língua e de a produzir em contextos naturais, a sua capacidade não se desenvolve e, mesmo que mais tarde venha a estar em contacto com uma língua, o conhecimento que dela possa ter nunca atingirá o mesmo nível de complexidade do da criança que a adquire desde o berço. São sobejamente conhecidos os casos das crianças-lobo ou de crianças como a “Genie”<sup>3</sup>, que foi sequestrada pelo pai até aos treze anos, na Califórnia, e cuja linguagem foi severamente afectada, a ponto de, após quase dois anos de reabilitação, ainda só produzir frases como *Applesauce buy store*, “molho de maçã comprar loja”, para traduzir a eventual ideia de *é preciso molho de maçã* ou *temos de comprar molho de maçã na loja*.

---

<sup>2</sup> Expressões recolhidas no âmbito do *Projecto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa* (ILTEC): <http://www.iltec.pt/divling/index.html> .

<sup>3</sup> V. <http://www.feralchildren.com/en/showchild.php?ch=genie>

Mas não só. Se, durante a fase de maturação do órgão mental que é a linguagem a criança perder o contacto com a sua língua materna, esta também não se desenvolverá como esperado, ou sofrerá mesmo um retrocesso.

Como afirma James Cummins, especialista de educação linguística em contexto multilingue e multicultural, no seu artigo *Bilingual children's mother tongue: why is it important for education?*<sup>4</sup> “as línguas maternas das crianças são frágeis e facilmente perdidas nos primeiros anos da escola”. Sobretudo em situações de imigração, se as crianças não estiverem em contacto regular com a língua, na família e no bairro, embora sejam capazes de a entender, dois ou três anos depois de entrarem para a escola, podem já ter perdido a capacidade de a usar.

Diria pois que a língua-mãe, numa primeira instância, enquanto saber, não é propriamente um lugar amado, porque não pode ser encarada como um objecto directo. É antes um sujeito: está no nosso cérebro, somos nós. Aceitamo-la como aceitamos o respirar ou o sorrir.

Ao contrário do que acontece mais tarde, em que o adolescente e o adulto podem oferecer resistência, consciente ou inconscientemente, à aprendizagem de outras línguas, por razões que atribuímos genericamente à ausência de *motivações* ou a uma rejeição activa do *outro*, na fase de aquisição da língua materna, existe uma ingénuo e total disponibilidade da criança para receber, processar e interiorizar os dados linguísticos que a rodeiam, quaisquer que eles sejam. Venham eles de uma ou mais línguas ou dialectos, sejam eles muito ou pouco abundantes.

---

<sup>4</sup> Cf. <http://www.iteachilearn.com/cummins/>

A consciência da língua como objecto de afecto (de sentimentos positivos ou negativos) só surge depois, quando a cultura, a sociedade e as circunstâncias da vida permitem ou impõem uma distanciação. Quando nos afastamos dela ou quando nos afastam dela.

Como diria a linguista polaca Anna Wierzbicka (1997:20)<sup>5</sup> a propósito da cultura,

*Só conseguimos descobrir a identidade especial da nossa própria cultura (por muito heterogénea que seja) no momento em que tivermos uma relação íntima e profunda com outra cultura e em que cada um de nós por ela for desafiado, ao ponto de desenvolver um **novo sentimento de si**.*<sup>6</sup>

Ou, citando Todorov (1986:20)<sup>7</sup>,

*A identidade nasce da (tomada de consciência) da diferença*<sup>8</sup>

Todos sentimos já, quando viajamos há demasiado tempo por um país estrangeiro, o enorme desejo de voltar à nossa língua materna: para *descansar*, dizemos, sem ter de pensar para falar e podendo pensar falando. Daí a metáfora dos lugares, tantas vezes associada às línguas: elas são casa, pátria, refúgio. São talvez, para quem gosta de cidades, a sua cidade.

Mas há razões menos nobres para **ter de** amar uma língua. É quando nos obrigam a distanciar-nos dela. É quando nos obrigam a emigrar para outra *cidade* com a promessa de não voltarmos nunca mais à nossa. Quando nos dão como futuro ir apagando as memórias.

Façamos um exercício. Imaginemo-nos sozinhos num país distante, rodeados de vozes diferentes e incompreensíveis, sem amarras nem certeza de regresso. Adultos, talvez

---

<sup>5</sup> *In Understanding cultures through their key words*. Oxford: Oxford University Press.

<sup>6</sup> Tradução minha.

<sup>7</sup> *In « Le croisement des cultures »*. Todorov, T. (ed) *Le Croisement des cultures*. Paris : Hérissé à Évreux :5-26.

<sup>8</sup> Tradução minha.

possamos ainda, de vez em quando, *descansar* a angústia ou a tristeza no nosso diálogo interior.

Pegue-se agora numa criança, na sua ingénua e total disponibilidade e mostremos-lhe que a sua língua, que ainda cresce com ela, não serve para nada. Amputemos-lhe uma mão. Façamo-la sentir que a palavra *vôvô, pepé, papai, abuelito* está tão longe e inacessível quanto ele, o seu cabelo tão bom de enrolar e as suas estórias ao fim do dia.

*Isso passa, dirão alguns. Breve se adaptarão à nova casa de uma língua só.*

E o que não fica, ou fica, quando isso passar? Onde, quando e sob que forma irá rebentar a raiva, a angústia, a inibição? Quantos pensamentos ficarão por dizer e até por pensar?

É aqui que temos de agir. Para construir *a cidade* aberta (a que não é exígua nem fechada, como a minha cidade da infância) temos de abrir espaço para dar futuro às memórias e ao saber (que, afinal, nem ocupa lugar...). Há que encurtar as distâncias com os afectos. Mas não basta.

As línguas maternas, *na pessoa das pessoas* que as falam têm de ser defendidas. E penso aqui em todas as línguas: orais e gestuais. Não andamos nós a defender a língua portuguesa pelo mundo? Quero acreditar que o que nos move, nessa luta, seja acima de tudo a defesa dos nossos falantes e de todos aqueles que quiseram embarcar connosco, *de motu próprio, no mesmo lugar amado...*

Tratando-se de língua materna, trata-se de uma questão biológica e não só social. Mais uma razão, pois, para socialmente agirmos.

Como defender então as nossas línguas, essas que ocupam hoje, em Portugal, quer queiramos, quer não, o seu espaço na comunidade multifacetada em que todos,

portugueses e não portugueses – desculpem o pessimismo — nos últimos tempos tentamos sobreviver?

Antes de mais, um pequeno reparo. Sendo nós dotados de uma faculdade inata que, em condições normais, nos permite adquirir qualquer língua ou conjunto de línguas; sabendo que a escolha que nos foi dada de um certa língua, entre as 6 ou 7 mil que se falam no mundo, é obra do acaso que nos fez nascer ou viver num certo lugar, pareceria óbvio que todas as línguas são equivalentes, no sentido em que todas cumprem os requisitos exigidos pelo bioprograma linguístico da espécie.

Mas não é. Infelizmente, para muitos, entre os quais se vêm contando alguns responsáveis políticos, as línguas são hierarquizáveis, como o estatuto social, as posses de cada um ou as carruagens dos comboios.

Defender as línguas maternas exige, pois, antes de mais, educação, muita educação<sup>9</sup>.

Temos de investigar, divulgar, aprender e ensinar coisas tão simples e tão complexas como o que é saber uma língua, qual a importância da língua materna e do bilinguismo precoce no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos e no seu bem-estar social, como é que as línguas reforçam a identidade, tanto do indivíduo como do grupo, como é que o multilinguismo comunitário assumido e valorizado, reforça a *empatia* e a capacidade de comunicar e de aprender com os outros, alargando os conhecimentos e melhorando comportamentos, etc. etc.

Isso poderemos discutir no debate, com a certeza de que são muitas as vantagens de acarinhar as línguas maternas: vantagens cognitivas, sociais, culturais e linguísticas.

Por agora, já que falamos de educação e que estamos num Encontro promovido pela Associação de Professores de Educação Intercultural, não resisto a uma pequena palavra sobre a defesa das línguas maternas na Escola.

---

<sup>9</sup> Citar Eduardo de Sá, sobre a difícil tarefa que os primeiros filhos têm de educar os pais no desbravar da sua nova situação-

Como dizia eu, na apresentação pública do projecto *Diversidade linguística na Escola Portuguesa*, a escola é o lugar “onde a sociedade desemboca na sua forma mais desarmada e crua”. Direi também que é o lugar onde se tece a trama invisível e imprevisível da sociedade presente e futura.

Olhemos, pois, para a escola e para a sua diversidade de dialectos, variedades sociais, línguas; formas de estar, de pensar e de aprender; memórias, saberes e desejos.

É muito difícil para um professor gerir toda esta diversidade (de ordem cultural, linguística e idiossincrática), diversidade tantas vezes silenciosa, que ele sabe existir mas cujos contornos nem sempre tem tempo para investigar e iluminar no contexto de aula, potenciando os lados bons e tentando mudar os maus.

Porque nem tudo o que é diverso é bom. À nossa escola, como à nossa sociedade, chegaram, vindos com outras culturas, alguns valores, comportamentos e formas de pensar que não podemos deixar de questionar, para bem de todos. Penso, nomeadamente, em ideias e práticas punitivas da mulher... Repare-se que digo *questionar* e não *ignorar*, *esconder* ou *maltratar*. Porque o questionar implica diálogo e exposição das diferenças e nessa exposição estamos todos no mesmo barco, sujeitos à mesma observação e aos mesmos processos de mudança.

E no entanto, não há uma única razão sequer para classificarmos negativamente as línguas maternas alheias. Uma língua não é boa nem má. É.

Por outro lado, se trazer à superfície a cultura silenciosa dos nossos alunos é tarefa difícil e por vezes melindrosa, não há nada mais fácil e simples que deixar falar uma língua.

Ao deixá-la falar, deixamos também falar, em parte, a cultura que transporta. Se a escutarmos e quisermos compreender, mesmo através da tradução, ou de simples descrições gramaticais e dicionários que o mundo da informação global nos põe hoje tão

rapidamente à disposição, estamos ao mesmo tempo a entender (e a ajudar os nossos alunos a entender) o modo como cada língua interfere na aprendizagem da língua portuguesa. Saberemos, por exemplo, que as crianças que falam mandarim terão tendência a despojar os verbos das suas flexões verbais, já que elas são inexistentes na sua língua materna, ou que as vogais nasais serão difíceis de pronunciar, para um aluno ucraniano que não as tem no seu sistema fonológico... Com isto, ajudá-los-emos, também, a controlar de forma mais autónoma e rápida o processo de aprendizagem do próprio português, ao mesmo tempo que lhes damos um sinal claro e apaziguador de que *está tudo bem*: de que a sua língua não está esquecida, pelo contrário, é valorizada por todos, de que as suas falhas em português não decorrem de uma incapacidade linguística que os coloca num patamar abaixo dos alunos portugueses e, além disso, de que eles estão onde nós esperamos: no caminho, não no ponto de chegada. Quando chegarem ficarão mais fortes, porque mais sabedores: terão pelo menos duas línguas.

Poderão agora dizer-me: isso é muito bonito, mas como fazê-lo, em tempo útil, com aulas de quase trinta alunos, com um programa extensíssimo para cumprir, com a espada dos exames sobre nós, sem materiais, sem formação específica?

A sabedoria popular tem muitos ditos sobre a palavra *poder*, como sempre contraditórios, ou não fosse a sabedoria sabedoria e a realidade múltipla e contraditória... Vejamos dois: *quem faz aquilo que pode a mais não é obrigado*; *querer é poder*. Ambos legítimos, ambos aplicáveis a este caso.

Por um lado, são as pequeninas coisas que fazem mover ou retardar o mundo.

Deixar que uma criança fale da sua língua, mostrar-lhe que não tem de perder o seu passado, nem esquecer a sua identidade para viver connosco e ser bem sucedida, é uma dessas pequeninas coisas.

Por outro lado, se tivermos investigado, se tivermos estudado a matéria, se tivermos compreendido, até pelo conhecimento das experiências alheias, as vantagens da preservação das línguas maternas e do seu desenvolvimento a par do desenvolvimento de outras línguas, como a nossa, provavelmente teremos de *querer*, de lutar por isso.

E *isso* tem muitas dimensões, que vão da procura de mediadores linguísticos, até à introdução de aulas de língua ou até mesmo ao ensino bilingue, que implique igualmente as crianças de língua materna portuguesa, pois também merecem. Tudo no tempo certo, que é o tempo próprio para cada situação.

Uma coisa sabemos: ser bilingue aumenta a capacidade de abstracção e de reflexão linguística, torna o pensamento — porque capaz de processar a informação através de duas línguas diferentes —, mais flexível e ágil. Por outro lado, a consolidação da língua materna, na escola, facilita a aprendizagem de novas línguas, favorecendo a transferência de capacidades e de conhecimentos adquiridos em cada uma delas.

*Saber muitas línguas é ser muitas vezes homem*, dizem alguns.

*A pessoa que só sabe uma língua não sabe verdadeiramente essa língua*, dizia Goethe.

Também para José Agualusa<sup>10</sup>, *ao contrário do que sugere o mito de Babel, [...] é mais fácil à humanidade alcançar Deus, isto é, o entendimento do mundo, falando muitas línguas do que comunicando numa única. Há realidades, sentimentos, certos prodígios e mistérios, que só podem ser expressos numa determinada língua. Se essa língua se perde o Homem fica inevitavelmente mais longe do Entendimento.*

Cada uma destas vozes, variando, amplifica o mesmo tema.

---

<sup>10</sup> In *A minha pátria é uma viagem*: <http://www.google.com/search?client=firefox-a&rls=org.mozilla%3Apt-BR%3Aofficial&channel=s&hl=pt-BR&q=A+minha+p%C3%A1tria+%C3%A9+uma+viagem&lr=&btnG=Pesquisa+Google>

São metáforas, é verdade, e por isso dizem muito.

Deixemos que as metáforas povoem o nosso mundo, a nossa escola e a nossa mente, se quisermos construir essa cidade de interações em que todos chegaremos ao mesmo por palavras diferentes.

Dulce Pereira

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
ILTEC